

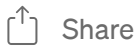
[Abrir no aplicativo](#)[Inscrever-se](#)[Entrar](#)

Caminhos alvos para o futuro



UFBA — Prêmio Abapa de Jornalismo · [Seguir](#)

7 minutos de leitura · 19 horas atrás



Share

Produtores de algodão no Oeste Baiano baseiam-se nos princípios do ESG para um futuro produtivo e sustentável

Por Jade Araújo de Oliveira

Diz-se que o futuro chega primeiro em Luís Eduardo Magalhães. Talvez, o futuro tenha chegado antes do mesmo do passado. Foi às margens do Posto Mimoso, localizado na encruzilhada das BRs 242 e 020, que nasceu um dos maiores polos do agronegócio no Brasil. Hoje, a cidade tem o 7º maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado e exporta commodities de primeira qualidade para todo o mundo.

O tripé ESG define muito bem as práticas de cultivo de algodão na região. A sigla vem do inglês, e traduzida significa ambiental, social e governança. Em resumo, são boas práticas de uma organização tendo como alvo a sustentabilidade, impactos sociais positivos e uma boa gestão de pessoas e recursos. Há 23 anos, a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa) tem apoiado os produtores da região, promovendo uma cotonicultura sustentável e integrada, reunindo tecnologia de ponta em todas as etapas de produção.



Algodão colhido e envelopado na Algodoeira Zanotto — Foto: Reprodução/Abapa

Frutos da revolução verde

A Bahia consegue ser o segundo maior produtor de algodão do Brasil tendo apenas 0,55% de sua área dedicada ao cultivo da fibra. Tamanha façanha se torna possível quando a sustentabilidade caminha desde o cultivo à verificação das safras. No Brasil, a expectativa de produtividade média é de 279 arrobas por hectare. A Bahia supera esse número, atingindo a marca de 323 arrobas por hectare em 2023.

“O produtor é quem mais conserva, porque o investimento feito para que aconteça a irrigação é muito grande. Não tem história de rio que secou aqui na região Oeste.” explica João Neto, engenheiro agrônomo do Grupo Franciosi. Nas fazendas do grupo, é utilizada a irrigação de pivô central, também chamada de irrigação de salvamento. Pioneiros no uso da técnica na região, carregam o título de uma das 100 maiores empresas do agronegócio no Brasil (2019).

A agricultura de sequeiro corresponde a 77,8% da área cultivada na Bahia. Durante o período de chuva, a água da precipitação é armazenada e utilizada na irrigação das culturas no período da seca. A gestão do uso do recurso é feito também por meio do acompanhamento da precipitação e da umidade do solo. “Temos uma tabela agronômica que acompanha as medições de umidade, e então decidimos como e quando irrigar. Fazemos uma lâmina de irrigação baixa só com o que a

planta está precisando. Não tiramos água do subsolo nem dos mananciais no período da seca”, explica João Neto.

São delimitadas áreas de preservação ecológica, além dos 20% de Reserva Legal exigidos pelo Ministério da Agricultura. Esses territórios formam corredores ecológicos que preservam a fauna e a flora do bioma local, o Cerrado. Nesses trechos não há exploração dos recursos hídricos.



Sistema de Irrigação da Fazenda Santa Isabel — Foto: Reprodução/Abapa

Não só a produtividade do solo é garantida, como também sua saúde. O Programa Fitossanitário da Abapa auxilia os produtores no controle de pragas, tendo como maior inimigo o bicudo do algodoeiro. O controle da espécie é um desafio para os cotonicultores há décadas, mas o programa encontra saídas sustentáveis para se livrar do inseto. Com os avanços tecnológicos, mobilização dos produtores e ações do programa, o uso de pesticidas já diminuiu em 50%. Atualmente, o uso de biológicos é predominante.

Utilizando as possibilidades da tecnologia a favor do acompanhamento das lavouras, a equipe lançou, em parceria com a Embrapa Territorial, o aplicativo “Monitora Oeste”. O recurso mantém os produtores informados da ocorrência das

pragas do bicudo, da ramulária e da ferrugem asiática. São monitoradas 680 propriedades: 161 propriedades no oeste e 519 no sudoeste baiano.

Já no processo de beneficiamento do algodão, nada é perdido ou jogado fora. A fibra é separada do caroço, e para cada qual é dado um fim. A Algodoeira Zanotto Cotton trouxe a sustentabilidade para todos os seus processos de beneficiamento. A fibrilha vira capa de fardo de algodão. Os resíduos, juntamente com a terra do desmanche do fardo, viram matéria orgânica para as novas safras e aumentam a produtividade do solo. O uso de energia limpa também contribui para menor impacto ambiental na época da safra, quando o consumo é mais alto. Desde 2022, funciona no espaço uma usina de energia solar.

Caminhos alvos, mas também de concreto

Enquanto cidade jovem, um dos grandes desafios infraestruturais foi a pavimentação das vias da cidade e seus arredores. As chuvas, motivo de comemoração para a irrigação, se tornavam empecilho para escoar as cargas. Foi para atender as demandas dos produtores e trabalhadores que a Abapa criou a Patrulha Mecanizada, responsável pela manutenção das estradas e da pavimentação asfáltica. Em 10 anos em atividade, já foram asfaltados 230 km de estrada, e outros 900 km já foram protocolados. No início das atividades do grupo, apenas eram remediadas as consequências das chuvas nas estradas, mas com o tempo a pavimentação se mostrou urgente. “Só recuperar a estrada já não era o suficiente. Nós criamos canais, fazemos uma saída d’água e bacias de contenção para que ela infiltre no solo. Mas no próximo ano chove de novo, e nós temos que fazer tudo de novo.” explica Daniella Dias, gerente do Projeto Patrulha.

A pavimentação proporcionou melhores condições de trabalho: “nós chegamos a encontrar pessoas paradas [nas estradas] por dois, três dias”, conta Daniella. Nas portas das propriedades, foram criados postos de apoio com banheiros, duchas e alimentação para atender quem trabalha trafegando. É o “algo além do algodão”, pela comunidade.

A responsabilidade da patrulha, além de humanitária, também é ambiental. Uma consultoria com empresas licenciadas é contratada para respeitar o bioma presente no entorno das vias, além do acompanhamento de biólogos e engenheiros florestais. O combustível do maquinário é enviado para os fins corretos de descarte, além da reciclagem de pneus e peças de máquinas vendidas para ferro velho.

Quem viu e fez a cidade crescer

Desde o crescimento exponencial da cidade de Luis Eduardo Magalhães, pessoas de todo o Brasil se juntam para formar a população da cidade em busca de trabalho e crescimento: expatriados, investidores e trabalhadores em busca de um futuro melhor. Não é incomum que famílias completas, ou aventureiros solitários venham dos extremos do país, deixando para trás suas cidades para tentar a vida trabalhando na produção do ouro branco no Cerrado baiano. Embora a cidade seja epicentro de geração de empregos, a qualificação é peça chave para quem deseja ascender profissionalmente.

Cláudia Souza vive há 11 anos em Luis Eduardo Magalhães. Foi contratada pela ICOFORT (Industria de processamento de caroço do algodão) em 2015 no cargo de assistente de departamento pessoal. “A Abapa abriu as portas para o meu primeiro emprego. Logo em seguida eu comecei uma faculdade de recursos humanos.”, conta a Gestora de RH. Cláudia conquistou seu espaço e cresceu dentro da empresa, e hoje atua na área de sua formação, além do departamento pessoal e segurança do trabalho. Veio sozinha de Xique-xique (BA) e após três anos de trabalho trouxe seu filho para a cidade. Por meio de benefícios de bolsa da empresa, o jovem de dezoito anos está se formando na Escola SESI.



Cláudia Souza, gestora de RH da ICOFORT — Foto: Reprodução/Abapa

Programas de capacitação e investimento em capital intelectual são comuns na região. O grupo Franciosi implementou a concessão de bolsas para funcionários em 2019, cobrindo até 50% do valor das mensalidades de graduação ou pós-graduação. Só em 2023, 20 funcionários foram beneficiados. “Um grupo não cresce sem que as pessoas cresçam e se desenvolvam junto com ele”, pontua Daniela Pavanelo, gestora de RH da Franciosi.

Janete Zanolla saiu de Marechal Cândido Rondon (PR), para Mimoso do Oeste em 1998, para fazer companhia à irmã doente que tinha vindo morar na cidade anos antes. As férias acabaram virando um ano, e Janete transferiu os estudos do magistério para a cidade de Barreiras. “Foi um ano muito difícil pra mim. Chorava de saudade todos os dias. Mas é engraçado que quando pisei na rodoviária da minha cidade em 1999, olhei ao redor e pensei: ‘aqui não é mais o meu lugar. Meu lugar é na Bahia’”.



Janete ao lado do esposo e da filha Maria Cristina — Foto: Arquivo pessoal de Janete

No decorrer dos anos, a administradora se encontrou profissionalmente e como cidadã orgulhosa. Nos anos 2000, foi defensora ferrenha da emancipação do povoado e se dedicou às campanhas para recolher votos. “Do empregado ao patrão”, como recorda Janete, uniram-se em busca das melhorias para a cidade que já nascia.

Com sua formação em Administração em andamento, Janete conseguiu um emprego numa empresa de lubrificantes industriais onde conheceu o agro — e também seu esposo. Atualmente, é empresária no ramo da beleza e administradora de empresas, mas não deixa de falar com emoção dos frutos que a população colheu em poucos anos de história. “O agro proporcionou muito para a cidade. Tirando a BR, em 1998 não tinha nem asfalto em canto nenhum. Hoje a cidade tá linda e praticamente toda pavimentada. O que você imaginar de tecnologia nós

temos aqui. Somos referência!” comemora. A cidade jovem não para de crescer, e promete atingir novos horizontes tão distantes quanto os das linhas brancas dos campos de algodão.

Postado em 18 de setembro de 2023

Agronegócio

Tecnologia

Algodão

Bahia



Follow

Written by UFBA — Prêmio Abapa de Jornalismo

3 Followers

Matérias produzidas pelos alunos de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFBA para o Prêmio Abapa de Jornalismo

More from UFBA — Prêmio Abapa de Jornalismo